

## **Escrita e Segredo. Correspondência amorosa de uma aristocrata nos primeiros anos da Guerra da Restauração**

**Ana Cristina Araújo**

Universidade de Coimbra – C.H.S.C.

Despojada de efeitos literários, a escrita de uma mulher nobre do século XVII que se carteia, quase diariamente, com o segundo marido, ausente na guerra, revela-se surpreendentemente próxima e sincera, até mesmo na simulação de situações de puro fingimento social<sup>1</sup>. No plano cultural, este importante testemunho de autonomia e de domínio autográfico tipifica o comportamento de uma aristocrata dotada, letrada e competente que protagoniza, no feminino, uma relação afectiva de conveniência, não desprovida de jogos de sedução, cenas de ciúme, galanteios e declarações de amor.

Dentro do género epistolar, a carta amorosa é, talvez, a que melhor corporiza a força do sentimento e a estranheza da dor de ausência e, também,

---

<sup>1</sup> O estudo que apresentamos foi elaborado para a versão inicial do capítulo “Correspondência e redes epistolares na modernidade”, destinado à *História das Comunicações na Época Moderna*, obra coordenada por Margarida Neto e que se encontra no prelo. Na impossibilidade de publicarmos, na íntegra, por razões de economia do texto, a nossa colaboração, decidimos autonomizar esta parte do trabalho, reservando para mais tarde o tratamento extensivo de cartas, memórias e diários no contexto dos usos da intimidade e da privatização das práticas quotidianas na Época Moderna em Portugal.

a que mais facilmente transforma as banalidades do quotidiano em confidência. No âmago da relação conjugal, a carta de marido para mulher, e vice-versa, não se centra apenas na partilha afectiva e na formulação de pensamentos subtraídos ao juízo de terceiras pessoas, convoca também as rotinas da casa, os problemas de gestão do património, as novidades da família, as preocupações e desejos dos mais próximos e outros assuntos afins. Neste caso, tanto a interiorização de papéis como os traços de convivência firmados no seio da família ajudam a preencher e a dar sentido à comunicação íntima no espaço reservado de uma folha de papel, destinada à pessoa amada. Envolta em calculada transparência, ou, em contrapartida, dada com notória opacidade, a esfera da intimidade precisa de terreno propício para se exprimir. Ao longo de dois anos de correspondência assiste-se, assim, à quebra de alguns segredos, à livre expressão de medos e sentimentos e ao afastamento progressivo das regras impostas pela distância física e familiar.

Remetida ao cenário da casa, mas não enclausurada, a mulher que conquista o marido, escrevendo-lhe cartas, frequenta os “salões” de outras casas nobres, cultivando aí o espírito e gozando, ao mesmo tempo, dos prazeres da “honesta liberdade”. Afeiçoada ao exercício mundano do saber dizer e do saber fazer, a mesma senhora que, poucos antes, conservava o estatuto de viúva de um fidalgo de Corte, parecia dar razão à máxima de que era “vna empreza totalmente de nobles, servir las damas en Palacio [quien dama hermosa no sirve, no diga que sirve dama] fuente manacial de todas las emprezas”<sup>2</sup>, máxima retirada da *Arte de Galanteria* (1610), escrita por um fidalgo erudito e galante seu contemporâneo, D. Francisco de Portugal, que a referida senhora da nobreza conhecia ou de quem, certamente, ouvira falar.

De facto, para este ilustre representante da casa de Vimioso – que viveu sob domínio Filipino e se tornou estimado na Corte de Madrid pelos seus

---

<sup>2</sup> D. Francisco de Portugal, *Arte de Galanteria*, oferecida a las damas de Palácio por D. Lucas de Portugal Comendador de la Villa de Fronteira, y Maestre-sala del Príncipe nuestro Señor, Lisboa, En la Empronta de Ivan de la Costa, 1670 p. 38. O mesmo autor já antes havia precisado que “Este nombre dama, es voz Franceza, que entre nosotros dicho sin adjectivo, no solamente quiere dezir señora, mas por antonomasia señora que sirve en Palacio”, p. 25. Daqui para a frente citaremos sempre esta edição da obra.

dotes de conversação, urbanidade e perfeito domínio das regras de convívio protocolar –, a iniciação ao universo palaciano exigia uma engenhosa arte de ser e parecer. Pois, como explicitava D. Francisco de Portugal, “entendidos ay, que no son hombres de Corte, y Cortezanos, que no son entendidos; y entre vnos, y otros ay esta diferencia, que el fuere Cortezano, que es saber los estylos, y en este particular no las supiere, podrá hazellas, mas no dezillas, para todos escriuimos, vnos sabran dezir, y otros sabram hazer”<sup>3</sup>.

A questão dos estilos não se confinava ao complexo jogo de simulação ou de aparência, próprio das lides cortesãs, envolvia também, como demonstra D. Francisco de Portugal, outras regras relacionadas com o segredo, a intriga, a honra e a galanteria. No quotidiano, os comportamentos elegantes não desprezam as galas e os galanteios típicos do microcosmos aristocrático. Neste mundo à parte, os mais avisados fazem até questão de notar que “galan y galanteria se derivaron de gala, porque la há de traher no solo en lo que viste, sino en lo que piensa, y en lo que dize, y en lo que haze”<sup>4</sup>. Enfim, por todos os meios e gestos, a linguagem do corpo ganha uma enorme preponderância na harmoniosa correspondência entre o interior – que sente e se elabora – e o exterior que actua e desvenda as subtilezas do eu.

Compreende-se assim que a virtude presumida suportasse a demonstração da fama e que a honra masculina fosse, em certas ocasiões, posta à prova através do exercício da galanteria. Com estes mecanismos de encenação social, os homens galantes colocavam-se sob o olhar vigilante das mulheres ditas “preciosas”, que disputavam, nos salões e em espaços reservados ao convívio heterossexual, a atenção do sexo oposto. Por norma, as damas que frequentavam esses meios cultivavam a arte da conversação, a elegância e as boas maneiras, contribuindo, deste modo, para a imposição de novos padrões de comportamento aristocrático feminino. Nesta escola de vida, as diferenças de género são expressamente reclamadas, ainda que o culto das letras se dissemine, com cuidada proporção, entre homens e mulheres. Só assim se compreende que a galanteria tenha servido para pôr em evidência a singularidade da dissidência feminina aristocrática, permi-

---

<sup>3</sup> *Idem, ibidem*, p. 25.

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p. 41.

tindo que certas mulheres falassem dos homens e escrevessem sobre eles com manifesta distância e superioridade. A tal ponto que se chega a admitir que “havia de venir tiempo en que las damas galanteassen a los galanes”, já que “en todos los tiempos florecieron grandes ingenios en mugeres”<sup>5</sup>.

Ora, à semelhança de outras mulheres do seu meio, D. Joana de Vasconcelos de Menezes, cuja correspondência riquíssima carece de um estudo mais aprofundado<sup>6</sup>, responde inteiramente ao paradigma da cortesã influente, que constrói uma imagem convincente de dama poderosa. A sua linguagem e o seu comportamento inclinam à revisão da ideia feita da mulher submissa e subordinada ao chefe da casa<sup>7</sup>. Associada à partilha de poderes, o elemento feminino detém, neste caso, a capacidade de iniciativa e controla, surpreendentemente, dentro da família e no círculo da aristocracia da Corte, a carreira do marido. Vejamos então de que forma o faz.

D. Joana traz de berço linhagem. Seu pai João Luís de Vasconcelos e Meneses havia desposado D. Maria Cabral de Noronha, descendente directa da casa dos condes de Penela. Mais tarde, D. Joana une-se à linhagem dos condes de Armamar. Os venturosos esponsais contraídos no tempo da monarquia Ibérica com Rui de Matos de Noronha acabam, precoce e tragicamente, com a brutal execução pública do conde de Armamar, em 28 de Agosto de 1641, acusado, com outros traidores, de envolvimento numa conspiração contra o recém aclamado D. João IV<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, pp. 25 e 30.

<sup>6</sup> Apesar do trabalho exploratório de Ana Lúcia Pinheiro de Oliveira, *Cartas de Amor. Correspondência de D. Joana de Vasconcelos de Menezes para seu marido D. Diogo de Lima (1642-1644)*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras, Porto, 1997.

<sup>7</sup> Na mesma linha se coloca a prevenção de Nicole Castan, em relação à sociedade francesa da época, “O público e o particular” in P. Ariès e G. DUBY (dir.), *História da vida privada. Do Renascimento ao século das Luzes*, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. 3, 1990, p. 418.

<sup>8</sup> A conspiração de 1641 teve como principais instigadores o arcebispo de Braga, que fora conselheiro de Estado, D. Luís de Meneses, marquês de Vila Real, o filho deste, D. Miguel de Noronha, duque de Caminha, D. Rui de Matos de Noronha, conde de Armamar e sobrinho do arcebispo de Braga e, entre outros, o mercador e tesoureiro da Alfândega, Pedro de Baeça. Apoiam também a tentativa de regicídio de D. João IV outros nobres e religiosos, com destaque para o inquisidor-geral D. Francisco de Castro, o conde de Vale de Reis e o conde de Castanheira.

Apesar do crime de Lesa-Majestade do marido, a infâmia não chega a recair sobre a viúva que, apressadamente, refaz a sua vida. Menos de um ano depois da morte do primeiro marido, D. Joana casa, em segundas núpcias, por procuração, com D. Diogo de Lima, sexto filho do visconde de Vila Nova da Cerveira, D. Lourenço de Brito e Lima e Nogueira (1615-1685), homem que não lhe é estranho nem tão-pouco indiferente<sup>9</sup>. Numa conjuntura de forte instabilidade política, de desconfiança e de intriga cortesã, com conjuras e rivalidades aristocráticas muito evidentes<sup>10</sup>, a família de D. Joana coloca-se sob a protecção de uma casa que apoia, incondicionalmente, a dinastia de Bragança. A luta pela manutenção de velhos privilégios implicava, agora, uma definição clara do campo político, ou seja, uma reconversão ostensiva do pacto de obediência política.

O segundo marido, presumível herdeiro e sucessor da casa paterna, por impedimento dos irmãos mais velhos, encontrava-se, naquele tempo, em campanha militar no Alentejo. Partira para a guerra em 1642, numa altura em que eram patentes as dificuldades de formação de um exército organizado. Estava na linha de fronteira, quando D. João IV fixou, no ano seguinte, residência em Évora, com o pretexto de acompanhar as manobras das forças portuguesas e de, com a sua presença física perto do teatro das operações, mobilizar o ânimo dos vassallos que se alistavam para servir no exército

---

<sup>9</sup> Biblioteca da Ajuda, códice 51-VIII- 24, fl. 334. Este códice contém documentos de natureza diversa, datados de 1638 a 1696, pertencentes à casa de Vila Nova da Cerveira. Dele fazem parte 61 cartas autógrafas de D. Joana de Vasconcelos e Meneses, escritas entre 2 de Julho de 1642 e 10 de Dezembro de 1644. Neste artigo publicamos, em apêndice documental, 21 cartas escolhidas deste precioso espólio.

*Vide infra* documento 1, em apêndice, p. 122.

<sup>10</sup> Na época, era corrente tomar a inimizade como fundamento de atitudes sociais ou como motivo para a formulação de certas acusações. As chamadas “cartas de inimizade”, previstas no regimento do Desembargo do Paço, multiplicaram-se a tal ponto que quase inviabilizavam o trato social entre classes mais altas. Na sequência dos conflitos gerados no tempo dos Áustrias, o alvará régio de 10 de Março de 1608 salientava os inconvenientes de os vassallos se haverem como ‘por inimigos uns dos outros, com cartas minhas’, pondo termo a esta prática. Os desembargadores ficavam assim proibidos de emitir e rubricar as tradicionais “cartas de inimizade”. Sobre o assunto veja-se, Fernando Dores Costa, *A Guerra da Restauração 1641-1668*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004, p. 49.

português. D. Diogo, que nos anos de 1642–1644, tal como grande parte da nobreza, começou a sua carreira militar em território de fronteira<sup>11</sup> – mantendo-se próximo do monarca –, obteve a confirmação do título, em 1646, e foi designado, pouco depois, membro do Conselho de Estado e da Guerra, Governador de Armas da Província do Minho, Presidente da Junta do Comércio e, por fim, Estribeiro-mor de D. Afonso VI<sup>12</sup>.

Nos primeiros tempos e à distância, é a mulher que giza a estratégia ascensional do marido, trocando favores, inclinando vontades e aconselhando o consorte a ir à presença do rei: “peso-uos que uos uenhais sem irdes a Euora e ca beiareis a mão a elrei e se com todas estas aduertencias fores não fasais mais que beiar-lhas e partir-uos”<sup>13</sup>.

Nesta fase das operações bélicas, o papel dos “fronteiros”, membros da nobreza chamados ao desempenho de funções militares, revelava-se crucial para a reorganização dos corpos armados da milícia. Contando com o concurso, nem sempre concertado, destes agentes mal treinados e deficientemente equipados, o exército, levantado em nome do rei, prosseguia os combates. Inicialmente, D. João IV escolhe D. Afonso de Portugal, conde de Vimioso, para Capitão-General do Reino, mas, aconselhado por algumas figuras do seu gabinete, com destaque para o secretário de Estado Francisco de Lucena, acaba por confiar o comando geral do exército ao príncipe herdeiro, D. Teodósio. Ora, se estes dados, embora conhecidos, estão ausentes das cartas, já outros aspectos da situação política, económica e social do reino são motivo de comentário na correspondência dos dois cônjuges. Nas cartas de Dona Joana encontramos referência à prisão de Francisco de

---

<sup>11</sup> Julgamos que serviu na cavalaria com o posto de capitão de cavalos. Numa consulta do Conselho de Guerra ao monarca, datada de Elvas, de 23 de Agosto de 1644, refere-se a nomeação de D. Diogo [de Meneses?] para Capitão de Companhia. *Vide Cartas dos Governadores da Província do Alentejo a El-Rei D. João IV e a El-Rei D. Afonso VI*, publicadas e prefaciadas por P.M. Laranjo Coelho, vol. II, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1960, p. 59. Parece assim frustrado o seu intento de ser nomeado sargento de campo, debaixo do comando do sogro João Luís de Vasconcelos e Meneses, cujo preciso posto de oficial graduado nunca é mencionado nas cartas de D. Joana de Vasconcelos de Meneses. *Vide infra* cartas de 3 e 7 (provavelmente) de Agosto de 1643.

<sup>12</sup> Ana Lúcia Pinheiro de Oliveira, *ob. cit.*, vol I, p. 29.

<sup>13</sup> *Vide infra*, carta de 17 de Outubro de 1643, p. 140.

Lucena, em Outubro de 1642; alusões às dificuldades da nobreza em matéria fiscal e de arrecadação de receitas; e comentários relativos às campanhas militares do Verão de 1643, nomeadamente às manobras ofensivas das tropas portuguesas na região de Badajoz, Valverde, Alconchel e Vila Nova del Fresno. Mas outros tópicos de conversa afloram na mesma correspondência, como sejam: as dificuldades de comunicação, os boatos, os focos de contágio entre os soldados que atingiam as populações próximas dos campos de batalha, os saques e pilhagens do lado de lá da fronteira, a edificação de fortificações, a troca de prisioneiros, a falta de cavalos, a luta pelos postos de comando, as disputas da honra aristocrática e a necessária e recomendável frequência dos bordéis de campanha, em Elvas, que D. Joana não desaprova.

Uma tal condescendência, por parte de uma senhora que tinha enviuvado onze meses antes de contrair segundo matrimónio, parecendo violar as regras da decência, representa, no fundo, uma atitude realista e moderna. Recorde-se que o casamento de D. Joana de Vasconcelos, por procuração, foi negociado pelas duas famílias, conforme se depreende da leitura de uma carta da mãe de D. Joana para o futuro genro, datada de 2 de Junho de 1642. A missiva da sogra era bastante clara a respeito dos benefícios esperados com a referida união: “Meu filho e Senhor quem poderá oie comigo com tão onrado titulo como vosa merse me da que protesto saber mereser ao senhor bisconde que mo procurou coando eu mais descuidada estava da boa sorte que a minha filha tinha Deus goardada a qual devo gragear-lhe pelo muito que lhe quero e obriga-la coando ella desconhesera sua boa fortuna a que com muito cuidado se aproueitase della enpregando-se no serviço de vosa mercê”<sup>14</sup>.

D. Joana, porém, não adopta a mesma linguagem, ou seja, não promete servir o homem que acabava de esposar. No desempenho cabal do seu papel de dona e senhora da casa, coloca antes a sua pessoa, fazenda e honra sob protecção do segundo marido – “sujeitando minha liberdade nas mãos de vosa mercê”, como diz na sua primeira missiva que dirige a D. Diogo de Lima. Neste caso, a mulher, recém-chegada à nova família, assume um

<sup>14</sup> Biblioteca da Ajuda, códice 51-VIII- 24, fl. 332.

protagonismo verdadeiramente surpreendente. Manda pagar despesas, parece estar ao corrente das receitas da casa, negocia dívidas e agencia favores junto do marido e de outros membros da família. A exigência de honra e o bom-nome da família impõem contenção, piedade e fidelidade ao marido, de quem se considera escrava pelo coração e confidente pela razão. Normalmente, remata as suas missivas para o cônjuge com as seguintes expressões: “tua mulher e escrava que muito te quer Dona Joana”, “tua mulher e escrava que morre de saudades Dona Joana”, “tua mulher e escrava que te adora Dona Joana”. Em busca do lado oculto de D. Joana de Vasconcelos e Meneses descobre-se, finalmente, a audácia de um romance construído sobre uma história pessoal algo atribulada.

A futura viscondessa de Vila Nova da Cerveira não menciona filhos do primeiro matrimónio e, também, não refere a presença de crianças, descendentes de criados, no seu domicílio. Revela-se, contudo, atenta a nascimentos e mortes infantis e regista aspectos curiosos de comportamento dos adultos, familiares e amigos, para com os mais novos. Neste ponto, D. Joana e as senhoras do seu meio exprimem uma concepção próxima da que Philippe Ariès descreveu a respeito do que chama o “sentimento da criança-brinquedo”, isto é, da criança com menos de 6 anos, adornada e graciosa, que se torna objecto de deleite e motivo de divertimento dos adultos<sup>15</sup>. Numa das suas primeiras missivas, relatando a visita efectuada a casa de uma parente regala-se com a criança de tenra idade que lhe é mostrada: “Dona Ines quando soube que eu estava em casa de sua mai foi-se pera la com Pedro pera que eu o uise leuaua-o com huas siroilas galantissimo não tinha deferensa de hum boneco serto que me fes merse uelo e foi a primeira ues que o fis depois que de mim estais auzente e não deixei de lhe ter a sua mai inueja”<sup>16</sup>. Este modo prazenteiro de contemplação dos adultos não era contudo isento de sentido protector, conforme se infere do relato dramático da perda de um filho da condessa de Miranda que, após o parto, “morreu logo, dizem que não era de tempo huas pesoas, dizem que

---

<sup>15</sup> Philippe Ariès, *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*, Lisboa, Relógio de Água, s.d., pp. 190-191.

<sup>16</sup> *Vide infra*, carta de 3 de Agosto de 1643, p. 124.

foi de irem em coche o baptismo do filho do camareiro mor, outros que lhe cheirou maniar branco e que não fes cazo diso, mas ela ainda não sabe que moreu a criança porque a enganão e mostram-lhe outro minino dizendo que he seu filho oie me mandou dizer que paresia ia de coatro annos eu lhe tenho lastima que a-de ficar mui asustada quando souber a uerdade mas consolar-se-ha com lembransa de ter tido outros”<sup>17</sup>.

No campo das relações familiares, D. Joana de Vasconcelos recomenda ao marido que escreva à sua avó como é “de razão”, de acordo com as regras do respeito familiar e da conveniência social. Ao dizer que a avó, – rezando pela sua vida –, lastimava a ausência de notícias do neto, deixa antever que, pelo menos no círculo próximo da sua família, três gerações de mulheres dominavam a arte da escrita e da leitura: a avó, a mãe e D. Joana. Facto que não é de estranhar e que, indirectamente, encontra crédito em outro tipo de fontes.

Recorde-se que, pouco antes, em 1610, Duarte Nunes de Leão fazia questão de enaltecer “a aptidão das mulheres portuguesas para as letras e artes liberais”<sup>18</sup>, mencionando, em especial, o exemplo da Infanta D. Maria, filha de D. Manuel I, cuja esmerada educação e afeição às letras encontrara eco no círculo erudito que a infanta criara e protegera, constituído por homens e mulheres cultos. Na mesma linha, sob a protecção de D. Catarina de Áustria, a Casa da Rainha, que salvaguardava a esfera privada, o serviço pessoal e o engrandecimento da soberana, congregava no seu grupo de servidores-moradores, um bom número de mulheres conhecedoras das técnicas da escrita<sup>19</sup>. Destas, algumas não desconheceriam, com toda a probabilidade, outros manejos mais delicados, como, por exemplo, a leitura e a música. No início do segundo quartel do século XVI, os livros de moradia da Casa registam 169 moradores. Neste universo de gente com competências e ofícios diferentes – camareiros, reposteiros, escrivães, recebedores, portei-

<sup>17</sup> *Vide infra*, carta de 26 de Outubro de 1644, p. 143.

<sup>18</sup> Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reyno de Portugal*, Lisboa, Por Jorge Rodrigues, 1610, caps. LXXXIII-XC.

<sup>19</sup> Maria José Azevedo Santos, *Assina quem sabe e lê quem pode*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004.

ros e outros –, contam-se 43 “donas e moças”. Cerca de um quarto destas mulheres pertenciam ao séquito castelhano da irmã de Carlos V e com ela terão permanecido, após os esponsais com D. João III. No conjunto de todas as moradoras da Casa da Rainha, só sete não assinam os respectivos recebidos passados pelo escrivão dos contos e moradias. Este aspecto, como bem destaca a autora do importante estudo que temos vindo a referenciar, não pode deixar de ser tomado como “um índice de significado cultural muito positivo”<sup>20</sup>.

Herdeira ou beneficiária indirecta desta tradição de escrita feminina, de incidência cortesã, D. Joana de Vasconcelos e Meneses, ignorando os conselhos da mãe, que lhe recomenda alguma moderação, entrega-se, inteiramente, à escrita e à leitura. Em Lisboa, onde reside, o namoro por carta torna-se uma obsessão. A conversa com o amante, sempre inacabada, é constantemente retomada: “vai amenham este portador e quero-me aproveitar da ocasião porque todas as que se me oferem o tenho por grande mimo da uentura pois pera mim não pode auer maior do que falar contigo”<sup>21</sup>. Por fim, confessa: “com tam boas nouas como me dais fico mui aluiada mas não com menos saudades uosas porque crezem a uista de desfaoures que nesas cartas me fazeis e a dor de os não poder lograr em uosa prezensa”<sup>22</sup>.

A sua linguagem pronta e o seu estilo intimista não respeitam as regras da contenção e da brevidade, com as quais se acomodam outros tipos de missivas. Escreve, ao correr da pena, sem vírgulas, e dá fé da sonoridade de uma língua que tolera o “oie” em vez de (h)oje; “ia” em vez de já; “deseiamos” em vez de desejamos e assim sucessivamente. E prefere, por exemplo, “relasonis” a relações, e “tenis” a tens. A par de outras expressões, as referidas fórmulas gramaticais remetem, de modo inequívoco, para a grafia castelhana, deixando antever que a pronúncia da língua portuguesa era, então, muito próxima da da língua do país vizinho. Para além deste traços de morfologia mista, a escrita incontida de D. Joana extravasa das linhas imaginárias da folha de papel, invadindo as margens de segurança e

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p. 29.

<sup>21</sup> *Vide infra*, carta de 17 de Agosto de 1643, p. 136.

<sup>22</sup> *Vide infra*, documento 10, carta não datada, p. 134.

os espaços reservados ao cabeçalho. Em algumas missivas exprime de forma emotiva, angustiada mesmo, a necessidade de ler e reler as cartas do marido e o medo de as deixar de receber com regularidade. Aperfeiçoa os sobrescritos para evitar extravios, manifesta desconfiança em relação a alguns mensageiros e recoveiros e, teimosamente, ignora outras prevenções de D. Diogo, explicando porque o faz: “o que me dizes sobre por sobeiscrito nas tuas pera o correio mor não fīs porque nenhua tenho mandado pelo correio mais hua este ultimo sabado e pasou-me pelo sintido fazer o que me mandastes agora o farei porque como ia uam aplacando os portadores ualer-me-ei dos extraordinarios que me uam muito istimo”<sup>23</sup>. Depois desta troca de impressões sobre a forma de expedir cartas e encomendas, por correio mor e por portadores particulares de confiança, preocupa-se com o segredo e com a violação da sua correspondência e, por isso, pede ao marido: “avisa-me se poso falar nas minhas cartas comtigo sem rreseio de que vão a outra mão”<sup>24</sup>.

Em causa estavam duas matérias da maior reserva: a lealdade do cônjuge e os negócios da guerra. D. Joana fala de ambas as coisas como se fossem duas faces da mesma moeda: “que te lembres de mim e de que me tenis em todas as ocazionis e nas da gerra prinsipalmente delas me auīça tudo o que souberes que eu te terei segredo se tu quizerdes e por vida minha que me não enganes que to não merese meu amor nem as ueras com que desejo saber a uerdade de tudo”<sup>25</sup>. Com as sucessivas respostas do marido fica a saber mais do que pretendia sobre manobras militares e ironisa: “cuidaua que graseiauas comigo porque me pareas pouco pera ti mas nos as molheres não emtenndemos muito da melisia de guerra e nesa materia te peço fasas aquilo que tu entendes que eu quero”<sup>26</sup>.

No campo de operações militares estava igualmente seu pai, com patente superior à de D. Diogo. Mãe e filha escreviam em separado e, com frequência, juntamente com as senhoras da corte que tinham os maridos na guerra, trocavam informações. D. Diogo, por sua vez, abre as cartas que a mulher

<sup>23</sup> *Vide infra*, carta de 3 de Agosto de 1643, p. 145.

<sup>24</sup> *Vide infra*, carta de 6 de Agosto de 1643, p. 128.

<sup>25</sup> *Vide infra*, carta de 3 de Agosto de 1643, p. 124.

<sup>26</sup> *Vide infra*, carta de 6 de Agosto de 1643, p. 128.

escreve ao pai, sendo por esse motivo, bruscamente, admoestado: “senpre foste curiozo e do que uos naseo a coriosidade de abrirdes a minha carta uou ia emtendendo deueis de temer que emcomende eu a meu senhor uos corte os erpes”<sup>27</sup>.

À medida que se agravavam os combates na frente de batalha, cresciam os receios da recém-casada que, diariamente, se dedicava, com afinco, às tarefas impostas pelo correio. Em carta datada de 4 de Agosto de 1643 diz: “ontem vos escrivi muito largo cuidando fossem as cartas por hum recoueiro mas elle aprezou-se mais do que imaginavenos e foi-se mais sedo”. Cinco dias depois sublinha: “tenho-te iscrito com cuberta pera o correio mor e rreseio que te detenham as cartas por elle ca estar se acaso esta te chegar primeiro que de ua fase deligencia por ellas o sobreescrito he da letra de minha mai por ela podes conheser o maço ella te beia as mãos e te não escreve por não ter tempo”<sup>28</sup>.

Em segredo, as marcas de intimidade comandam o jogo de recíproca adivinhação do que pensa e sente cada um dos elementos do par amoroso. Em simultâneo, o elemento feminino parece comandar um outro jogo, o da sedução. Numa atitude quase infantil, D. Joana relata: “Paso os dias [...] na tua contemplasam e com o teu rretrato dando-lhe muitos abraços e pondo o muitas uezes na bouca e nos olhos que muitas uezes partesipa de suas lagrimas o tempo que me resta gasto em te encomendar a Deus e em ler hua e muitas uezes as tuas cartas”<sup>29</sup>. Assume uma postura piedosa e esclarecida, não descarta os officios religiosos e as rezas aos santos da sua devoção e, para alívio de D. Diogo, envia-lhe “um livrinho” de orações diárias “que disem he muito bom”<sup>30</sup>, a par de outras encomendas do seu agrado: “bolinhos de Santo”, “marmelada”, compotas de frutos, etc..

Se estes mimos são próprios de uma senhora da sua condição, outros, mais ousados, e igualmente praticados, evidenciam o lado oculto da centrali-

<sup>27</sup> *Vide infra*, carta de 26 de Agosto de 1643, p. 138.

<sup>28</sup> *Vide infra* documento 8, carta com toda a probabilidade escrita a 9 de Agosto de 1643, embora o compilador a reporte ao ano anterior, p. 133.

<sup>29</sup> *Vide infra*, carta de 1 de Agosto de 1644, p. 141-142.

<sup>30</sup> *Vide infra*, carta de 26 de Outubro de 1644, p. 143. Sobre o assunto, veja-se o enfoque exclusivo dado à problemática religiosa na obra de Ana Lúcia Pinheiro de Oliveira, *Cartas de Amor. Correspondência de D. Joana de Vasconcelos de Meneses para seu marido....*

dade feminina em meio cortesão. A mulher adornada, vistosa e bem falante estimula o galanteio, atrai olhares lascivos, ditos e gracejos atrevidos, mas não deve reagir, porque, no convívio heterossexual, que se desenrola à vista de todos, a iniciativa da galanteria, à semelhança do que acontece na guerra, pertence aos homens<sup>31</sup>.

Ora, é exactamente no contexto da sociedade cortesã, frequentada por D. Joana de Vasconcelos, que se opera o reconhecimento desse jogo de trocas sentimentais suspeitas. Neste capítulo, assume e confessa alguns devaneios. Apesar da censura da moral católica, fala com naturalidade das galas e divertimentos que a consolam, sem se mostrar preocupada com a sua reputação. A sua conduta confirma a asserção, tida como certa na época, de que, em certas circunstâncias, “não harà diferencia de casamientos a casados, que como el dexarse galantear passa a motivos particulares”<sup>32</sup>. Não engeitando acusações recíprocas, escreve: “muito istimo que te alivies nas minhas saudades com tua dama o mesmo me acontece a mim com o meu galante inda que he bem paresido a outro a que eu mais quero e de quem cada ora desejo ter novas”<sup>33</sup>. Sem pôr em causa a importância dos círculos de sociabilidade galante na Corte e fora dela, reafirma, portanto, com inteira subtilidade, a sua lealdade a D. Diogo.

Progressivamente, vai ganhando à vontade, perdendo o pudor, manifestando ciúmes e subjugando o marido com artimanhas bem arquitectadas, como esta que descreve, de forma algo maliciosa: – “auiza-me tãobem do que fases e se ha moças bonitas nese lugar olha não aches outra biscondesa

---

Sobre a concepção católica de casamento e o papel da fé na vida do casal, veja-se, por todos, Maria de Lurdes Fernandes, *Espelhos, cartas e guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700)*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995. Para a compreensão de certos estereótipos de comportamento feminino, na época, Cf. Carlos José Rodarte de Almeida Veloso, “Imagem e condição da mulher na obra de autores portugueses da 1ª metade do século XVII”, in *A Mulher na Sociedade Portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais*, Actas do Colóquio, Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 1986, vol. 2, pp. 251-270.

<sup>31</sup> Apesar das demonstrações de galanteria expressas nas *Cartas Familiares* (1664), sublinhe-se que D. Francisco Manuel de Melo, no discurso moralista da *Carta de guia de casados* (1651), desaprova a galanteria, considerando-a “cousa moderna e bem escusada”.

<sup>32</sup>D. Francisco de Portugal, *Arte de Galanteria... cit.*, p. 28.

<sup>33</sup> *Vide infra*, carta de 6 de Agosto de 1643, p. 128.

como a dElbas [...] dize-me a que oras te levantas e te deitas não comas fruta nem ioges a pela ei-de uer se goardas bem meus preseitos não te fies em que não saberei porque ca o ie-de adiuinhar quando dela mo não mande dizer hua espia que te tenho posta não cuiodes que senho porque falo uerdade”<sup>34</sup>.

Os costumes frívolos e sensuais da galanteria toleravam-se com distância e fingimento<sup>35</sup>. Raramente se impunham ao olhar do outro de forma tão descarada, ainda que isso acontecesse, para goáudio de muitos contemporâneos, no teatro e na ficção licenciosa, como comprova a novela de Gaspar Pires de Rebelo, *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*, escrita, exactamente, em 1625<sup>36</sup>. Na prática, a galanteria encenando o fingimento, funcionava como uma segunda linguagem amorosa, requintada e langorosa, para uso de mulheres cortesãs casadas, ciosas da companhia de seus esposos.

O *affaire* da galanteria fazia assim parte do *décor* dos casamentos distintos, a ponto de mobilizar a opinião familiar. Este aspecto deve ser particularmente enfatizado pois, como já foi notado, “dès le début du dix-septième siècle, la vie à la cour d’Espagne est décrite comme particulièrement immorale, d’autant que les maris complaisants, voire permissifs, étaient légion. Comme les vêtements somptueux, les liaisons extraconjugales passaient alors pour un attribut tout à fait normal d’une vie élégante”<sup>37</sup>. Identificada com este *ethos* cortesão, D. Joana rejeita, coerentemente, na

---

<sup>34</sup> *Idem*, p. 142. Com o mesmo tipo de referências, veja-se ainda documento 10, em apêndice, que corresponde a uma carta não datada de D. Joana de Vasconcelos de Meneses.

<sup>35</sup> Da vasta a bibliografia sobre o tema, salientem-se dois trabalhos que mobilizam a literatura para a compreensão das mutações históricas da identidade amorosa: B. Péquignot, *La Relation amoureuse. Analyse sociologique du roman sentimental moderne*, Paris, L’Harmattan, 1991, e Maurice Daumas, *A ternura amorosa, séculos XVI-XVIII*, Lisboa, Editorial Notícias, 1999.

<sup>36</sup> Texto literário precursor e fundamental para a compreensão da sociedade e da cultura da época, recentemente prefaciado e reeditado por Nuno Júdice. Cf. Gaspar Pires Rebelo, *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*, ed. Nuno Júdice, Lisboa, Teorema, 2005.

<sup>37</sup> Verena von der Heyden-Rynsch, *La passion de séduire. Une histoire de la galanterie en Europe*, Paris, Gallimard, 2005, p. 94.

esfera íntima, os desastrosos efeitos do amor galante. Acoçada pelo ciúme, desarma o marido e tudo faz para o submeter à disciplina da fidelidade conjugal. A sua altivez ressalta, a cada passo, quando comenta comportamentos vulgares da gente simples, alimenta clientelas, ironiza e ousa repreender os homens. Por mal-entendidos não explicitados, resultantes do malogro das expectativas de D. Diogo acerca da carreira das armas, afronta e ridiculariza o marido, de forma totalmente desabrida: “me parese hua couza mui longe da rrezam e não creio que deixases uos de entrar nas carreiras mais depreza o faria meu pai e asim tenho por erro de pena ou falta de oculos o que me dizeis e tambem pode ser o uoso costume antigo de trocar palauras”<sup>38</sup>.

D. Joana, pelo nome que carrega, alimenta legítimas expectativas de reconhecimento na sociedade de Corte, não descarta a sua aparência, faz prova de ser uma mulher de gosto requintado e não abdica, mesmo em situações delicadas, de “fazer tudo o que he de rrezam e tudo o que o mundo faz”<sup>39</sup>. Com esta afirmação fica claro que a sua singularidade não deixa, em qualquer caso, de ser compaginável com aquilo que a sociedade do seu tempo tolera e premeia.

O modo como fala se si dirigindo-se à pessoa amada, como vive o seu enlace amoroso, por correspondência, como trata o marido e exprime a sua intimidade revelam a imagem de uma mulher forte e decidida, cujo comportamento contraria, frontalmente, a visão histórica dominante a respeito da subalternidade incondicional da mulher nas sociedades de Antigo Regime, exclusivamente alicerçada no estatuto jurídico e na representação moral e religiosa que dela impõem os documentos normativos. Neste caso, a escrita é suporte de uma intimidade construída em segredo, que, progressivamente, se desvela e sobrepõe a um modo convencional de ser e de parecer. Por fim, sublinhe-se que é também através da escrita que esta ilustre senhora – à semelhança de outras mulheres do seu tempo, em diferentes hemisférios

---

<sup>38</sup> *Vide infra*, carta de 26 de Agosto de 1643, p. 138.

<sup>39</sup> *Vide infra*, carta de 1 de Agosto de 1644, p. 141.

e culturas<sup>40</sup> –, se mostra capaz de tomar iniciativas e de partilhar poderes na esfera restrita da família.

Em suma: as cartas autógrafas de D. Joana de Vasconcelos constituem um testemunho raro e precioso de autocelebração, no feminino, do par amoroso. Defendendo uma relação de exclusividade conjugal para o seu matrimónio não encobre, porém, as fraquezas de um romance recente e, menos ainda, as armadilhas de uma sociedade particularmente permissiva do ponto de vista sexual e moral. Em função dos constrangimentos sociais e familiares do seu estado, os sentimentos e os desejos desta mulher nobre afiguram-se, por isso, determinantes para fazer valer, fora do espaço íntimo, a honra da linhagem e a coesão da identidade do casal.

---

<sup>40</sup> Natalie Zemon Davis, *Nas Margens. Três mulheres do século XVII*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.



**APÊNDICE DOCUMENTAL<sup>41</sup>**

**Biblioteca Nacional da Ajuda, códice 51-VIII- 24 – Livros do governo do Visconde de Villa Nova da Cerveira, contém cartas de seus avós, tomo 2º, anos de 1638 a 1696**

**Documento 1**

Fl. 333 / 1 de Julho 1642

Por este por mim feito e asinado digo eu Dona Joanna de Vasconcellos e Meneses meu Senhõr e de Dona Maria de Noronha minha Senhora que me obrigo e permito de receber per palavras de presente com Dom Diogo de Lima filho do bisconde Dom Lourenço meu Senhõr e da biscondessa D. Luiza sua molher que Deus tem e permito de não cazar com outro algũ home se não com o dicto Sr Dom Diogo de Lima e assim iuro dos Santos Evangelhos e por ser disto contente de minha propria e livre vontade dei este por mim feito e asinado em Lisboa hoie o primeiro de Julho de 1642.

Dona Joana de Vasconcelos e Meneses

**Documento 2**

Fl. 334 / 2 de Jullho 1642

Meu Senhor suposto que ia oie me fica proprio o lugar de me queixar deste desterro em que vossa mercê vive tambem posso confesar que lhe devo muito, asegurandose a minha imaginação que liure vossa mercê desse mal podia esperar uenturas, de que me não confesso incapas pelo que espero mereser sugeitando minha liberdade nas mãos de vossa mercê e como isto lhe conto por gosto não faltarei no que se me pode grangiar nesta auzensia de vossa mercê que são as novas tão boas como espero me conseda minha boa furtuna e a vossa mercê muito sedo, neste lugar para que não aia mais

---

<sup>41</sup> Na transcrição documental conservámos a grafia e a pontuação. Para facilitar a leitura, apenas procedemos ao desdobramento das abreviaturas e à uniformização das letras maiúsculas. Assinalámos com (?) as palavras cuja leitura suscitou dúvidas. Agradecemos ao senhor Agostinho de Medeiros Festa Ribeiro Mendes, que transcreveu parte das cartas aqui apresentadas, o precioso auxílio prestado na elaboração deste apêndice documental.

que alivios perpetos a esa boa lembrança que Deus me guarde como ei mister

Lisboa 2 de Jullho de 1642

[?] e molher de Vossa mercê meu Senhor

(assinatura de Dona Joana)

### Documento 3

Fl. 367 / 3 de Agosto de 1643

Meu Senhor o mesmo que uos sosedeu a uos com uos darem duas cartas minhas me aconteseo a mim oie e nisto ueio que me não quereis deuer nada ainda que seia rreposta de huã carta e eu folgo muito com iso pois he tanto em proueito e fauor meu mas quero que saibais que uos não liurais com couza nenhuã de diuidas porque por mais que fasais com o fauor de Deus senpre me aueis de deuer muitas de amor indã que a grandeza do uoso seia a que eu conheso e com esta serteza creio mui bem as saudades que me manifestais e com outras mui igoais ou mui auenteiadas sois conrespondido e podeis crer que cresem em mim cada ora os deseios que me aconpanham de senpre em todas ellas ter os aliuios de uosos fauores que nesta auzensia expermento por elles meu bem e porque me ueio com o de uosas nouas dou muitas graças a Deus e muitas mais lhe dera se uos uira sargento de meu pai porque me parese lugar mais seguro uisto serem pera guardar sua magestade mas isto que me dizeis parese-me que não se [uajeia ?] senão de zonbaria e por tal a fico tendo porque o cargo de sargento cuidou eu que não he pera vos saluo serem as conpanhias de fidalgos mas disto não sei nada porque o não emtendo nem qual he melhor ou pior Deus se lenbre de mim pera uos escolher o melhor pera uosa guarda e segurança, com a que me dais de ficardes com saude istimo como quem tanto uo-la deseia e igualmente sinto pasares dias achacozo e não me emganaua eu em cuidar me auieis uos emconbrir o que tiueses mas esta queixa tenho eu tambem contra meu pai pois nem elle nem uos me falão uerdade naquilo que eu mais desejo saber e se uos me não deres esta boa noua de me dizeres que auia pasado o achaque não uos auia de perdoar mas em lugar de aluisaras podeis aseitar o perdão e a mi mandar-me daqui por diante nouas mais uerdadeiras que as que me dais sam senpre tam boas que as duuido auizai-me pera onde se dis

uai sua magestade quando partir desa sidade, nouas desta uos mando que são de andarem todas as pesoas dela muito saudozas e com muito cuidado, ontem dia da Presincola fomos ganhar o iubilebu a Iesus e a uinda trouxe-nos o cocheiro da Senhora Dona Ines pela calçada do Congro aonde olhando pera as janelas de minha irmã a ui a huã delas mandamos parar o coche a sua porta pera lhe dar hum abraço com tensão de irmos iantar a caza mas ella como la me uio não me quis deixar uir senão a noute ese dia pasei com algum aliuiio porque este soo com uosas couzas o conheço, achei-a com cuidado de não ter nouas de seu filho a senhora Dona Ines quando soube que eu estaua em casa de sua mai foi-se pera la com Pedro pera que eu o uise leuaua-o com huãs siroilas galantisimo não tinha deferensa de hum boneco serto que me fes merse uelo e foi a primeira ves que o fis depois que de mim estais auzente e não deixei de lhe ter a sua mai inueja mas nenhum deseio se pode igoalar ao de tua uista meu bem e so logra-la me lenbra agora e de tudo o mais nam faso cazo muitas orazonis tenis e ontem pedi a muitas molheres que comungaram, Aue Marias por ti pera que Deus te guarde de todos os perigos e nele confio o a-de fazer não porque eu lhe meresa bem nenhum mas pelos que lhe rrogam pela tua uida e não uem aqui capucho nenhum que me não pormeta emcomendar a Deus mui particularmente e os que sam pregadores peço-lhe Aue Marias no pulpilo pelo que confio muito no ceu que te a-de trazer pera tua caza a pera os meus brasos com muita saude pera rremedio da minha o que me dizes sobre por sobreescrito nas tuas cartas pera o correio mor não fis porque nenhuã tenho mandado pelo correio mais que huã este ultimo sabado e pasou-me pelo sintido fazer o que me mandastes agora o farei porque como ia uam aplacando os portadores ualer-me-ei dos extraordinarios que me dizes nam muito istimo que as calmas se sintam tam pouco nese lugar tudo uai sosedendo bem Deus seia louuado nesta sidade fes oie frio ou se o não ouue tiue-o eu auisa-me se te confesaste e se o não fiseste fasi-o que tudo he nesario pera que noso Senhor ouza o que lhe pedimos e nos despache bem nosas petisonis eu a ti a faso de que te lenbres de mim e de que me tenis em todas as ocazionis e nas de gerra prinsipalmente delas me auia tudo o que souberes que eu te terei segredo se tu quizerdes e por uida minha que me não enganes que to não merese meu amor nem as ueras com que deseio saber a uerdade de tudo, mando-te duas caixas de marmelada

com hum mimo que minha mai manda a meu pai emuio-te ese dose por ser bom pera o teu estamago disi-me se o tem ele feito bem comtigo porque o rreseio muito e escreue-me largo porque o sinal que de uiua tenho he o alegrar-me com tuas cartas Deus mas traga senpre tam ameude como agora que te afirmo sinto ia o cuidar que podes ir pera onde se me dilate mais dias o bem de te-las manda-me dizer se queres alguma couza porque ameam emtenderei ou acabarei de crer o muito que me queres e deseias de me dar gosto Deus te guarde os annos que lhe peso e desejo pera meu rremedio e bem

Lisboa 3 de agosto tua molher e escraua que morre de saudades  
(assinatura de Dona Joana)

[*post scriptum*]

tuas sobrinhas me diserão ontem que todas te emcomendauão a Deus e Brites me permeteo huã nouena por ti Margarida Tauares chega neste ponto aqui e me pede que te diga que te beia o sapato e que se não discuida de fazer sua obrigasam e os mais o mesmo.

#### Documento 4

Fl. 374 / 4 de Agosto de 1643

Meu bem e Senhor de meu corasam quero que ueiais que me não descuido em percurar-me o aliuiio que minhas saudades me permitem ontem uos escriui muito largo cuidando fosse as cartas por hum rrecoueiro mas elle aprezou-se mais do que imaginauemos e foi-se mais sedo de que se acabou huã emcomenda que hia a meu pai ficamos esperando por outro e emtretanto me ualho de mandar deitar esta no correio pera que saibais que tenho saude Deus seja louuado mas com a boca mui arrebetada e oie com huns baques na cabesa atrebuo-o a me erger estes dias mais sedo do custumado mas não uos de esto nenhuã penna que não uem a ser nada o que so me da a mim he o considerar uos por esas partes aonde podem correr risco os que ia estam mas confio em Deus que se ha-de lenbrar de minhas saudades e lagrimas pera uos trazer com a saude e uida que ei mister e lhe peço, as nouas que por Ia ouuer me manda e seiam mais uerdadeiras que as que tegora me mandastes de uosa saude sobre isto uos tenho iscrito e por esta

rezam não falo aqui mais nesta materia as palauras que uos pedi dizeses todos os dias pela menham não uos esquesam nunca dise-ias e mando-vo las por se acaso uos tiuerem esquesido aueis-uos de benser dizendo-as sam muito boas olhai o que fazeis eu todos os dias as digo por uos tambem uos faço lenbrança das sete Ave Marias que a nosa madre uelha da Conseisam me dize uos disese rresases a Nosa Senhora do Liuramento encomendei-uos muito a Deus e a Santo Antonio não deixeis de quando em quando ires a sua casa ouuir misa as quartas feiras em a tarde pera mor do sol e mandai dizer misas as almas que uos liurem dos pirigos traze i senpre todos os rreliques que uos dei e o abito de Santo Antonio em alguãs ocazionis pelo meu amor te peso fasas o que aqui te rrogo se pudeses ouue misa todos os dias e confesa-te ameude porque eu o faço cada quinse dias aqui no oratorio porque cuido me ouuir Deus mais depresa estando em grasa traze com muita uenerasam os rreliques e a bolsa pequena tambem inda que seia metida per hum braço onde te não fasa emchimento e perdoa-me minha uida o cansar-te com minhas perlugidades que todas me nasem de te querer tanto porque se a mim me não dera da tua uida não me cansara em dar-te estes conselos ou não te emfadara em dartos que a mi aliuia-me faze-lo a todas as minhas freiras tenho iscrito com muito emcaresimento pera te emcomendarem a Deus elle me te guarde muitos annos amem como deseio a casa da Senhora Dona Ines de Lima mandei agora dizer-lhe que se quizesse escreuer a seu marido me mandase a carta pera a mandar no maço rrespondeu-me que estaua pera ir pera fora e que por iso o não fazia Luis de Brito esta sangrado coatro uezes de sezonis escreuei-lhe a meu Senhor o não faço por temer cansa-lo e porque o tenho feito por duas vezes de minha parte lhe pedi a bensão a meu pai tenho iscrito pera ir pelo recoueiro quando for o uoso maço

Lisboa 4 de agosto 643

tua molher

(assinatura de Dona Joana)

[*post scriptum*]

dispois de ter esta acabada ueio aqui o goardiam de Santo Antonio e pringuntando-lhe eu pelo teu confessor frei Francisco do Rrozario me dize como ia estaua doudo de todo e que o não deixauão sair fora pelos rrapases

não correrem apos ele e que esta menham se fora ter com goardiam dizer-lhe que dous frades auião espancado sem tal ser e que lhe aparesera o diabo uede uos o estado em que ele esta mais me dise que ia quando eu lho mandara pedir pera me confesar estaua fora de seu ioizo mas que o mandara por eu não cuidar que elle me negaua hum confesor que lhe pedia e que fisesse mensão na confissão que fisesse do que lhe tinha confesado mas eu ia o tenho feito porque logo lhe emxergei a doudise auiso-uos disto pera que fasas o mesmo e não fasas pouco cazo disto eu estou muito contente porque alem de me ter confesado do que ele me asolueu o foi pela Prinsincola que tomamos minha mai e eu em Nosa Senhora de Iesus de todos os pecados que me lenbrarão de toda a uida

### Documento 5

Fl. 376/ 6 de Agosto de 1643

Grasas a uosa piadade meu Senhor que nos maiores apertos de saudades uosas me acode com o rremedio que soo podem ter pelo qual meu bem uos beio duas mil uezes as mãos e Deus fico louuando pelas merses que de contino me fas trazendo-me tam ameude cartas uosas, ontem dia de nosa Senhora estando na Conseisam me leuou la o senhor frei Antonio dous maços teus iuntos aa tarde me deram o que ueio por uia da Rroza e não podia eu ter tam grande bem senão em tam bom dia nele pedi muito a nosa Senhora a tua uida e saude e a nosa uelhinha me alcansase dela o mesmo ela me dise que senpre tinha cuidado de o fazer e que esperaua em Deus que tudo auia de soseder bem eu com esas nouas me consolo muito em tua auzensia que se nela me não aconpanhara huã confiança mui grande não sei se fora ia uiua se se pode chamar uida a que se pasa com tanta penna e se eu fora so a senti-la menos penosa me fora mas o que mais me custa he a consederação da que tu teras iulgando-te pelo que paso e ser eu a cauza disto deseiendo senpre ser a de gostos teus e se eu os pudera ter auzente de ti não ha duuida em que te deuera o de me grangiares a conpanhia de minha irmã a Senhora Dona Ionna a quem iscriui logo tanto que me deram a tua carta e antes de saber a tua uontade tinha ia tensam de fazer o que me mandaste porque me pareas rrezam não indo ella pera a senhora Dona Maria uir antes pera esta caza que pera a dos condes dos Arcos pois hua he

de irmão outra de sobrinho a Senhora Dona Ines me rrespondeo mui agarde-sida e me dis me auisara do dia em que a poso ir buscar em que ua me não faltara porque a Senhora Dona Ines e a Senhora Dona Luiza uosas sobrinhas anbas tem coche nesta materia não tenho mais de que auizar-te mais se não de a esperar com muito aluoroso e o mesmo minha mai, muito istimo que me tornes a dizer que te parese seras sargento de meu pai porque o deseiaua por me pareser lugar conuiniente a meu desejo mas cuidaua que graseiauas comigo porque me paresia pouco pera ti mas nos as molheres não emtendemos muito da melisia de gerra e nesa materia te peço fasas aquilo que tu entendes que eu quero, auisa-me se poso falar nas minhas cartas comtigo sem rreseio de que vão a outra mão o que me perguntas sobre o de que ando uistida ia te rrespondi a iso e não cuides que ei-de fazer couza em que tenha agouro porque tambem sou doente deste mal o que imaginaua te fizesem as calmas dese lugar me cansaua muito e como isto asim he istimo infinito que la soseda o que a nos ca porque as-de saber que so oie sintimos calma dispois que te foste mas esta não com eiseso deue ser bondade destas cazas e eu a iso o atrebuo dize-me se comesaram ia por la apareser os ifeitos do sol dAlenteio o que te peço não saias numca por nenhuã couza daninha por grande que seia obrigando-te a iso o desejo de guardar meus preseitos em tudo não no fisestes tu asim no que eu te pedi que me disesem com uerdade o como te achauas nesse lugar pois estando nele achacado me mandastes nouas tuas de muita saude couza que me tem escadalisado muito mas eu me uingarei com fazer o mesmo, Campos se esta mudando pera este bairro sinto não uos ter mandado as esporas porque as auereis mister la pode ser que uo-las mande por um rrecoueiro que leua não sei que couzas a meu pai muito istimo que te aliuies nas minhas saudades com a tua dama o mesmo me acontese a mim com o meu galante inda que não he bem paresido a outro a que eu mais quero e de quem cada ora desejo ter nouas as que me das de te confesares me consolam muito por me pareser que esta Noso Senhor obrigado a faureser os que o buscam e se poem bem com elle eu detremino de o fazer asim e de tomar o iubileu de nosa Senhora dAsumsam e pedir-lhe muito seia tua guarda fase tu o mesmo e pede-lhe de corasam te traga pera tua casa com a saude e uida que eu ei mister pera anbos a viruirmos, tenho-te iscrito sem me sentir muito largo e senpre o quizera fazer pois me aseguras te dam aliuio minhas cartas com as tuas me não faltas

meu bem se me queres uiua porque na tua mão esta se-lo ca curão e dise-me se queres desta sidade alguã couza que não aia nesa de que eu soo quero hum tezouro que me tem Deus mo restetua como lhe peço e mo guarde como deseio amem

Lisboa 6 de agosto de 643

tua molher e escraua que te adora

(assinatura de Dona Joana)

### **Documento 6**

Fl. 390/ s.d.

Meu Senhor e alivio de minha uida dispois de ter feito huã carta pera ti ontem seis do prezente me dam oie sete outra tua a que logo quis rresponder por te não dilatar o aliuiu que me dizes tenis com as minhas nouas que emquanto tu estiueres auzente não podem ser mais que de saudades e pennas que ellas cauzão e esta so a pode deminuir se he que pode conheser deminuisam em sentir quem uos não uee Senhor meu o saber pasais com saude primita-me Deus esta serteza pera que não acabe de todo a uida que a istimo muito pela istimasam que sabe fazer da uosa e pelo que deseio enprega-ia em uos siruir e dar-uos gosto e asim o farei em não trazer capelilho que tambem a mim me enfada muito pelo nome que uos lhe puzestes o prior de sam Lourenso esta ainda com sezonis e sangrado seis ou sete uezes mas não he dos rroins ares de Lisboa que prouera a Deus foram asim os deuora senão olhai os ifeitos deites na uosa caza muito me pesa o auer ele estado tam doente porque sou sua amiga pelo amor em que te tem seruido oie fez neste lugar grande calma manda-me dizer se foi nese o mesmo leua muito boa uida e desencalma-te o mais que puderes dize-me se achaste la os iordinis que Gaspar de Faria disia es'otros que ainda sam mais de estimar pera o rrigor do solo de tuas auzensias mal se pudera pasar sem eu o fazer deste mundo pera o outro se não fora o meu galante que inda que uos não queirais ei-lhe de fazer muitos fauores e com os uosos me não falteis meu Senhor porque uo-lo merese asim o extremo com que de mim sois adorado e porque não ha de que auisar-uos não sou mais dilatada so uos peço me auizeis de tudo o que la soseder aserca das gerras e se sois ia sargento de meu pai neste ponto me dam hum iscrito de minha irmã e senhora Dona Ines em

que se escuza de uir pera esta caza a senhora Dona Joanna sendo que me tinha iscrito o que digo na outra carta e a esperauemos com muito gosto mas bem he que não tenha aliuió nenhum quem espermenta saudades uosas aliuiie-mas Deus com me trazer muitas uezes estes papeis que tanto istimo e muito sedo o bem de uosa companhia como nele espero e que me uos guarde como quero amem dise-me como ei-de por o sobrescrito pera o correio mor todas estas molheres me dizem te mande rrecados seus e Maria da Cunha em particular o iscrito da Senhora Dona Ines te mando o Senhor frei Antonio me parese esta queixoso de lhe não escreueres e Deus te guarde meu bem mais que a mi

tua mulher e escraua que morre de saudades

(assinatura de Dona Joana)<sup>41</sup>

### **Documento 7**

Fl. 378 / 8 de Agosto de 1643

Meu Senhor e aliuió de minha uida acho-me oie sabado outo de presente com tres cartas uosas e todas deuiam de uir iuntas porque sesta feira pela menham mandei o correio e o dia dantes o mesmo e de nenhuã ues me trouxeram estas cartas senão outras a que ia rrespondi e todos estes dias uos tenho iscrito e agora o faço em me dando estes uosos papeis que muitas uezes beio e ponho neste corasam nasido no mundo soo pera adoraruos o que senpre ha-de ser e ainda dispois de morta porque o amor uai nalma que he eterna nela istimara eu meu bem ter-uos em parte donde uos pudeses fazer outras rromarias como as daquela quinta feira em que me falais tam selebrada de mim e de que eu faso tanta istimaçam ainda que me faltara hum par de dias o que naquele me sobrou mas não ha tantas ditas iuntas eu as confesarei ter senpre que me deres uida com o bem de nouas uosas pois soo ellas tem poderes pera fazer este milagre ora istimo meu Senhor que aiais pasado com boa saude se he que me não emganais primita Deus que senpre assim seia e que uos ueia eu muito sedo como lhe peço e pera que

---

<sup>41</sup> Com grande probabilidade, esta carta terá sido redigida a 7 de Agosto de 1643.

ueiais as mentiras que nos ca dizem sabereis como ainda ora me disseram que esta noute uos auia de uer nesta caza porque ia Sua Magestade era emtrado no Paço iulgai uos agora o que me custaria o desengano de isto não ser assim sendo eu prezuadida a que pudesi-o ser esta felisidade mas a uerdade he que se não pode liurar delas quem uos tem a uos por senhor inda que lhe falte a maior de todas não uos uendo, sinto que as minhas cartas se dilatam tanto no caminho porque a que me dizeis se deteue nele sinco dias mandei por hum omem que cuidei fose muito depreza e que vo-la dese logo em chegando mas daqui por diante mandarei todas a casa do correio mor dizei-me se as ei-de mandar a sua molher ou ao mesmo correio onde ategora mandaua alguãs e tambem me dizei como se lhe pora o sobrescrito ao correio mor, esa carta me mandou aqui a Senhora Dona Maria uosa irmã pera seu filho e que lhe mandase dizer se ouuira por ca as nouas que por la soauam de ser uindo Elrey<sup>42</sup> eu lhe rrespondi que se elle uiera que deu ia de ser soo porque se uos o acompanhâres que ia ouueres de estar nesta casa em que muito sedo eu uos ueia amem o prior de Sam Lorenço me emuiou oie esotro maço assim aberto como uai muito tenho tardado em uos dar as graças pela merse que a meu pai queries fazer onrrando-lhe a sua conpanhia mas por huã carta que minha mai oie teue ueio como não pode ser ia uisto não ser meu pai capitam o que muito sinto – se isto for serto e auendo uos de asentar-uos por soldado peso-uos pelo meu amor seja nuã das conpanhias da goarda de sua Magestade se a do conde dos Arcos for das que digo istimarei seja nela em caço que queirais alistar-uos emfim a minha uontade bem a sabeis uos e que tambem não quizera ficases-uos com obrigasam de soldado dispois de Elrey uir sendo casado e de tam pouco Deus escolha o milhor e o que for mais seguro nas suas mãos ponho tudo e nas uosas que beio muitas uezes e outras tantas peso a Deus me uos guarde mais que a mim como deseio amem ia sei em serto que he uindo sua

---

<sup>42</sup> O Conde da Ericeira, na sua *História de Portugal Restaurado*, Parte I, Lisboa, Officina de João Galvão, 1679, refere esta ida do rei a Lisboa para ver a rainha: “A 7 de Agôsto passou El-Rei, encoberto, a Lisboa a ver a Rainha, que havia deixado em vésperas do parto, de que nasceu o infante D. Afonso, que depois sucedeu no reino. Porém, vendo que a dilação era maior do que supunha, tornou a voltar para Évora”, p. 419.

Magestade ao parto da rainha a quem tenho oie grandissima inueia mas conçolo-me com imaginar no gosto que Deus a-de primitir-me quando uos troxer de todo emtretanto que este bem me falta me não falteis uos com aliuiar-me minhas saudades que por grandes não podem ter limite em uosa auzensia que Deus queira [?] por sua mesericordia noso Senhor

Lisboa 8 de agosto de 643

tua mulher e escraua que se sente morrer porque te não uee  
(assinatura de Dona Joana)

[*post scriptum*]

não digas a meu pai o que te digo que soube por hũa carta sua pera minha mai porque elle não no dis em serto lenbro-te que he este tenpo mui diferente daquele que estauas em Eluas isto basta pera me emtenderes

#### **Documento 8**

Fl. 355 / de 9 de Agosto [de 1642]<sup>43</sup>

Meu bem e Senhor por esta carta que me fizestes mercê emuiar pelo correio mor ueio ficais com cuidado por uos auer eu iscrito ficaua com huns baques na cabeça de que ia louuado Deus fico liure e podeis estar descansado que não estou opilada e poruera a Deus que tiuera eu alguns ifeitos de quem tem este mal, meu pai me escreue que estiveste abalado pera uir com Elrrei e ainda que o emterese de uer-te he tam grande istimo que não uieses por estas calmas que sam grandissimas de tres dias pera ca porque me custara muito teres tu algum achaque a troco de aliuios meus, tenho-te iscrito com cuberta pera o correio mor e rreccio que te detenham as cartas por elle ca estar se acaso esta te chegar primeiro que de na fase

---

<sup>43</sup> Sobre o cabeçalho da carta, surge a anotação 1642, escrita em letra diferente, talvez pelo colector. No entanto, pelas notícias nela contidas, esta só pode ter sido escrita a 9 de Agosto de 1643. Nesse Verão, conforme documenta a correspondência, D. Joana esteve em casa da condessa dos Arcos, participando aí na festa de S. Lourenço; D. João IV veio encoberto à Corte, e D. Diogo já estava informado do estado de loucura do seu confessor, fazendo assim todo o sentido a breve referência que se faz ao assunto nesta missiva [Cf. *post scripum* à carta de 4 de Agosto de 1643].

deligencia por ellas o sobreescrito he da letra de minha mai por ela podes conheser o maço ella te beia as mãos e te não escreue por não ter tempo que ficamos de caminho pera casa da condessa dos Arcos e pera a festa de Sam Lourenso a quem te emcomendarei com meu pai me desculpa e não faças pouco caso do que te dise do teu confesor e manda-me meu bem em que te sirua e perdoa-me não passar daqui Deus te guarde mais que a mim como desejo

Lisboa noue de Agosto

tua molher e escraua que muito te quer

(assinatura de Dona Joana)

### Documento 9

Fl. 392/ s.d.

Meu Senhor soube agora desta ocazião do portador não na quero perder deixando-uos de pedir o bem de uosas nouas e dar-uos as minhas que sam de ficar nesta casa de minha prima a Senhora condesa dos Arcos com saude a uoso siruiço mas com dobradas saudades uosas fazem estes ifeitos a lembrança da filisidade que oie fas hum anno logrei e com pennas de neste dia me faltar pode auer aliuiio vo-lo confeso ter em olhar pera estas paredes que por abitares nelas adoro a festa de Sam Lorenço se fes não na tendo eu por esta pois nela me faltou uosa uista mui bem que pera mim he a maior de todas duas Aue Marias tiuestes que o pregador pidiu que a que pedio por mim uos dei eu e a outra por sua tensam que era por uos com o que eu folgei muito e muito mais com huã noua que ontem me derão dizendo-me que huã pesoa que se tem por Santa dizera pidindo-lhe huã freira que uos encomendase a Deus respondera descansai filha que ande uir muito bem e em Deus espero a-de ser assim e que uos ei-de uer nesta caza daqui a mui pouco tempo pera com ese gesto esqueserem os tromentos que me uosa auzensia padeso que são tantos que não basta a muita merse que minhas pennas me fazem pera deixar de padecer, mando-uos Senhor eses bolinhos do Santo porque sei aueis de folgar com elles tambem ese papel dos iuizes que sairam pera o ano que uem primitira o ceo que chegemos todos a ele com muito gosto ia que neste nos faltou o das conpanhias de [?] e desejo amem

Lisboa em dia de Sam Lorenzo<sup>44</sup>

uosa molher e escraua

(assinatura de Dona Joana)

[*post scriptum*]

Minha mai me pede a desculpe comuosco aueio por Francisco e o mesmo fazei uos com meu pai desculpando-me a mim, Luis de Brito foi o que negociou esta festa se uos parecer escreuei-lhe agardesido do trabalho que teue não foi pequeno da dous bolinhos a meu pai que lhos mando eu

### Documento 10

Fl. 393-393v/ s. d.

Meu Senhor senpre me paresem poucas as ocazionis que tenho de portador pera ese lugar e asim não quero perder nenhum porque todas as oras quisera gastar falando comuosco pelo modo que pode ser pera emganar-me este limitado momento e uos peso o dos uosos papeis tam istimados de mim como a rrezam pode e o muito que uos adoro com tam boas nouas como me dais fico mui aluiada mas não com menos saudades uosas porque crezem a uista de desfauores que nesas cartas me fazeis e a dor de os não poder lograr em uosa prezensa Deus ma conseda muito sedo que se asim não for não sei o que sera de mim que por muito que diga de minhas saudades senpre he pouco pelos aliuios que nelas me deseiais uos beío muitas uezes as mãos e creio mui bem tudo o que me diseis e não poso eu esperar outra couza de uoso amor mas o serto he que não hai aliuiio que se lhe posa dar este nome auzente de uosa uista he iso tanto asim que nem a destas Senhoras uosas sobrinhas he poderosa pera alegrar-me nem a merse que todas me fazem que he muita e cada dia me obriga o seu terno e amor que me mostram mais, eu me uim dia de Sam Lorenzo pera esta casa a fazer a minha festa com tensam de me ir ao outro dia pera a de minha mai mas asertou a condesa de saber que andauam febres malinas nela e não nos deixou irmos a molher

---

<sup>44</sup> A festa de S Lourenço celebra-se a 10 de Agosto.

que as tem ia sente alguã melhoria e assim detremino de ir-me eu oie ou amenham que como não tenho lisença uosa nem sei a uosa uontade não quero alargar-me a mais dias inda que seia arriscar-me e tambem a pasar os dias mais tristemente porque quem uos não uee sofre mui bem penei idades e so nelas acha meresimentos istimo que Abreu esteia ia nese lugar pela falta que me disieis uos fazia e sobretudo istimo o que me diseis do uoso estamago e do pouco poder dos castelhanos querera Deus que seia cada ues menos e que uos ouza uosos rrogatiuos oie teue muitos pela uosa uida que a todas as pesoas desta casa pedi uos encomendasem a Deus dispois de confesados que o fizemos oie pera ganharmos este iubileu e bem folgara eu ser tam boa que merecese ouuir linhas orazonis porque as faso de todo o corasam mas sou muito rroim, dis Dona Isabel que ia que uos não lenbrais dela agora que uos pede que quando uieres uos esquesais de a persigir e Dona Madalena que nunca cuidou que uos esqueseses tanto da sobrinha mimoza mas que guardam o castigo de tudo isto pera quando uieres querendo Deus ellas me disseram que seu irmão Dom-Francisco lhe mandara mostrar huãs desimas que uos lhe fizeres estam mui agrauadas de uos o tratares tam mal nelas mas como lhe destes queixais com este gesto de todos os agrauos se esquesem porque como seu irmão pera ser prifeito lhe não faltaua mais que bom naris e bom comer uendo que tem huã inprefeisam menos o temia por de todos as partes boas agora uos pedem que acabeis o bem que come-sastes acodindo-lhe com algum rremedio o naris tambem dizem lhe disseram que tinha poderes esa terra pera fazer a todos de ma lingoa mas isto so ao iscudeiro lhe botam esta culpa e do pecar muito no quinto pecado mortal porque nele ofende a muitos golosos tudo isto me pedem uos diga e eu a uos meu bem me escreuais muito largo se me quereis uiua e me não enganeis na uosa saude obrigando-uos a iso a ansia com que deseio saber a uerdade dela e minha mai uos beia as mãos e eu uos peso que digais a meu pai quando tendes ocasiam de portador porque se sobresaltaminha mai quando não tem nouas suas aDeus meu Senhor que uos guarde muitos anos

tua molher que morre por ti

[s.d.]

(assinatura de Dona Joana)

**Documento 11**

Fl. 382-383 / 17 de Agosto de 1643

Bem e Senhor meu a esta ora acabo de escreuer-te duas rregras e pela presa que me dauam não pude dizer-te tudo o que queria mas sei que uai amenham este portador e quero-me aproueitar da ocazião porque todas as que se me offeresem o tenho por grande mimo da uentura pois pera mim não pode auer maior que falar contigo, dizei-me meus amores se pasais tam bem como senpre quero e se se setem ia por la grandes calmas nos ca as tiuemos grandes dous ou tres dias mas oie esta o dia bem fresco e eu aliuiada com iso por me parecer sera nese lugar o mesmo fasei muito por uos desemcaldarmes tudo o que puderes e por leuar boa uida que niso legorgiais muito o meu gosto e o meu deseio que he de uos uer mui izento de tudo o que uos pode molestar uosas saudades meu senhor o fazem a mim muito e não se pode crer o infinito dellas Deus me tenha de sua mão que se me atromentarem em todo o discurso de uosa auzensia com este rrigor não sei se chegarei ao fim dela com uida que so deseio e istimo pelo que tem de uosa e se meu bem a istimais na uosa mão esta te-ia eu ou não so com fazardes muito por conseruar aquela que eu mais peso a Deus que a minha e ele he boa testemunha desta uerdade não sei se a he o que nos disem que uem sua Magestade ao parto da rrainha rreseio que se isto for que o queirais aconpanhar pela posta que como elle fas eu uos peso pelo noso amor que não uos arrisqueis a huã doensa olhai que auemos de peleixar se não fizerdes o que uos digo se uos puderes uir em coche e com a comodidade que leuastes quando fostes não se me dera tanto da molestia que cauza o caminhar mas iulgo poderes uir pelo solou a caualo sofrendo o po e o quebrantamento que uos cauzara e não quero a troco de tres dias de gosto meu algum achaque uoso parese-me que uos tenho dito o que deseio e espero que uos fasais o que uos parecer que eu quero, auisa-me amores do meu corasam o que te parese sobre quando podera auer alguã bulha com os castelhanos pera que nese dia te mande fazer alguãs orazonis boas e por uida minha que me não emcubras nada disto porque eu ei-de sabe-lo e se tu mo ocultares ha-me de dar muito cuidado e penna esa orazam te mando que he mui aprouada rresa-a todos os dias em te leuando da cama com muita deuosam e se puder ser de iuelhos melhor he não fasas pouco cazo dela que he muito boa e não te canse ser alguã couza larga obrige-te e dise-

ia emtenderes que me das niso gosto rreza as almas e manda-lhe dizer alguãs misas promete-lhe-alguãs se te liuram com bem e te trazem pera minha conpanhia e sabe que neste ponto me deram tam grandes saudades tuas que estou morrendo delas não sei que ha-de ser de mim, sesta feira chegou huã letra salua a Luis de Brito de sem mil rreis que ainda se não cobrarão por dizer nela que daram o dinheiro outo dias dispois de auer chegado dise-me quanto he que deues ao irmão do correio mor pera se lhe ir satisfazendo mas eu nenhuã nesesidade tenho dos penhores que estam em sua casa porque como me não seruem emquanto la estas não inporta que e o tirem mais dous mezes menos dous mezes e melhor sera se temis nesesidade de dinheiro mandar-to auisa-me se queres que te enuie algum, Francisca Borges me pedio que te mandase dizer que escumungarão hum irmão de Pero da Vide que te paga e que lhe mandases erger a escumunham porque ele não podia pagar antes de rrecolher a nouidade e que tiuera muita perda nestes annos atrazados eu lhe dise que to iscriuiria mas que bem sabia ella que era forsa que te ualeses do que tinhas nesta ocaziam de tanto gasto, ora meu corasão perdoa-me cansar-te tanto e dise-me se queres alguã couza de teu gosto e seruiso porque niço me dara muito aliuiio Deus mos conseda senpre em tua conpanhia amem e te guarde annos mui dilatados como deseio.

Lisboa 17 de Agosto de 643

tua molher e escaua que te adora

(assinatura de Dona Joana)

[*post scriptum*]

a Luis sobrinhos beio as maus e as mãs duas mil uezes avisame que dinheiro esperava te uiesse cuidei que levasse esta Luis Francisco mas dilatou-se a sua ida e mandoa pelo correio.

## Documento 12

Fl. 394 / 26 de Agosto de 1643

Meu bem e Senhor em grande cuidado me auia posto faltarem-me dous ou tres dias o aliuiio de uosas nouas tendo-as minha may mas uos como numca uos descudais muito de me fazer merses me socorrestes no maior

rrigor de minhas pennas com esta uosa carta por ella e pelos fauores que me fazeis uos beio meu Senhor muitas uezes as mãos e muito sinto que as festas dese lugar vo-lo não parasesem porque he sinal de estares mui saudoso e eu como ferida deste mal e como quem tem tanta esperiencia dele uo-lo não quizera uer inda que sei a conueniensiã minha porque senpre pera mim he a maior de todas o considerar-uos alegre e não serem poderozos os annos da Senhora Dona Maria de Mendonsa pera uos aliuiarem me parese huã couza mui longe da rrezam e não creio que deixases uos de entrar nas carreiras mais depreza o faria meu pai e asim tenho por erro de pena ou falta de oculos o que me dizeis e tambem pode ser o uoso costume antigo de trocar palauras, não me dizeis quem sam os toureiros destes dias e obrigastes-me com iso a lançar alguns iuizos queira Deus que sejam temerarios e deles me não liurarei e tambem de muito cuidado emquanto não teuer cartas uosas em que me asegureis estais com muita saude que Deus me queira conseruar como lhe peso, tambem me não falais nas couzas de gerra sabendo todas as Senhoras que nese lugar tem seus maridos que elles se aprestam pera irem pera outra parte não cuideis que me liurais de pena com me encobriries estas couzas porque antes ma acrezenta meu pai tambem uza da mesma manha que uos mas nos tudo soubemos por huã carta de la mesmo que nos leo huã senhora dizendo que era de seu marido e tudo que la se pasar auemos saber com toda a uerdade sem niso uos deuermos nada nem a uos nem a meu pay e nisto estai muito serto, senpre fostes curiozo e do que uos naseo a coriosidade de abirdes a minha carta uou ia emtendendo deueis de temer que emcomende eu a meu senhor uos corte os erpes quando queirais fazer alguã temeridade pouco asertada emganais-uos em cuidar que o não a-de elle fazer quer eu lho pesa quer não porque não he esta a couza que lhe aiam de lenbrar que ele tera ese cuidado cuidaua eu que o tinheis uos em como uos auieis de poupar pera me lograr e não em como uos auieis meter nos perigos digo isto pelo que considero e pela ansia em que me tem huã sospeita com que fico, ora Senhor meu peso-uos que me não falteis de toda a parte se desa uos mudares com muitas cartas uosas porque se muita he a penna quando ellas me faltam, muito maior o sera antam se he que a pode auer maior de todas espero me liure Deus e me uos guarde meu bem muitos annos mais que a mim como lhe peso e deseio

Lisboa 26 de Agosto de 643

tua molher e escraua que morre de saudades

(assinatura de Dona Joana)

[*post scriptum*]

a uosos sobrinhos beio as mãos auizai-me se uos foi dada huã carta minha em que uos mandaua hu oração larga rresai todas as menhãs *saluum pridium* (sic) e senpre que uos uires em algum perigo dis minha mai que uos beia as mãos e que uos não escreue por ficar com dor de cabesa

### Documento 13

Fl. 412 / 18 de Outubro de 1643

Meu Senhor duas uezes uos tenho escrito antes desta queixando-me em anbas de me não mandares nouas uosas e agorã o torno a fazer e he com muita rrezam porque se me diseres que uos falta o tempo rresponder uos-ei que pera eu uer estaueis bem não erão nesesarias mais que sos duas regras de uosa letra que pudies fazer quando escreuestes a meu senhor ca ia carta ele me fes merse mandar deuia de emtender o rrisco que minha uida corria se não uira com meus olhos esta uosa com que aliuiiei minha penna do que de nouo me assiste desta iornada de uila noua deueis estar tam certo como eu emfadada e cuidadoza que certo he isto ia huã desesperasão Deus por sua Mesericordia nos acuda a todos e ponha os olhos em minha aflição trazendo-uos e dando-uos a uida e saude que ei mister e lhe peso e a uos me perdoai não pasar daqui que por ser tarde o não faço mas não he isto uingansa nem uos o cuideis asim porque não tenho nada de uingatiua nem teimoza como uos me charmais a Deus meu bem que me uos guarde como desejo

Lisboa 18 de Outubro 643

tua molher

(assinatura de Dona Joana)

**Documento 14**

Fl. 414-414 v / 17 de Outubro de 1643

Meu Senhor de minha vida com duas cartas uosas me acho em que ueio uos conpadeseistes de minhas ansias e que me considerastes o estado em que me tira a falta de bem de uosos papeis mil annos me uiuais para que senpre de uosas mãos eu seia aliuiada e alegre muito sedo o espero ser a uosa uista com o favor de Deus que o tempo não sofre auer dilasam por esas partes pois ia fas seu deuer ontem choueou bem pela menham e se comesar o (desenpenhanso) e o exercito estiuer em campanha auera trabalho porque há muito não chove e deuem ser dilatadas as primeiras agoas que Deus manda agora pera remedio das que ca estamos chorando senpre saudades e trabalhos que consideramos senpre aos nosos soldados, a falta de tenpo de que me uos queixais creio e istimara eu muito que forão as ocupazonis santas com as rrelasonis pêra el Rey uer que priuirtirão da gerra mas quando isto não for senti-las pela molesteia que uos cauzarão como a mi cuidado huãs notisias que oie me chegarão de que ha bexigas em Evora e dis a gente uelha abrange este malo uos ainda o não tiuestes de que poucas pesoas escapão e he ariscado em quem não he criança maiormente que podeis uir com rroins umores das mas agoas e pior trato he se uos pegar alguã cousa de que Deus uos livre e guarde porder-uos-ha emfadar e peso-uos que uos uenhais sem irdes a Evora e ca beiareis a mão a Elrrei e se com todas estas aduertensias fores não fasais mais que beia-lhas e partir-uos porque não aia tenpo de uos poder fazer esse ar mal e ia que tendes saúde Deus seia louvado que uo-la da não na estimeis pouco e fazei pela conseruardes lenbrando-uos de quanto ela a mim he nesesaria pois so na consideração de ter-uos em parte que pode correr algum rrisco uosa uida não uiuo ora meu bem não me falem papeis uosos e com elles muitas esperansas de lograr sedo o bem de uosa companhia que peço nela poderei alentar-me e cobrar todo o gosto que oie me desenpara, Campos me deu esse papel que uos mandase pera asinar que dis he de uosas moradias pera uer se pode cobrar algum dinheiro pera de algum se remediar que não tem que coma assim o dis e eu uos peso ocazionis de uos siruir e me desculpeis com meu pai se eu não lhe puder escreuer istimo estar ia liure da colica que me diseis teue de-lhe Deus uida e a uosa tam dilatada como eu quero pera meu bem

Lisboa 17 de Outubro 643  
tua molher escraua  
(assinatura de Dona Joana)

### Documento 15

Fl. 420- 421 / 1 de Agosto de 1644

Meu Senhor dispois de ter iscrito e fechado o maso me dam huã carta em que me rrespondes a outra minha com que fico com algum aliuiu porque teras uisto o pouco que eu me descuido naquilo que mais me deseio perpetuar que so em ter o bem das tuas nouas e em tas dar minhas deseio gastar todo o tenpo porque se algum bem paço mais liure de pennas he ese se se pode liurar delas quem adorando-te se considera auzente mas não da memoria nem do corasão porque huã e outra couza asiste senpre aos teus peis e se o corpo pudera lograr tambem esta felisidade fora grande bem mas como tu dizes as deste mundo não se podem ter sem nelas auer descontos mui grandes como he o desta auzensia que eu tanto sinto e nesta conformidade ue tu como eu poso pasar os dias se não com pennas e mais penas inda que eu não quizera dar-te estas nouas por te não cauzar molestia mas ei-de obedeser por forsa no que me mandas falando-te em tudo uerdade o que me perguntas sobre o de que ando uistida sabe que inda não fis uistido nem o farei sem tu me dares lisensa eu ta peso pera o fazer mas há-de ser de couza que me não agoure nada detremino eu de se tu quizeres o fazer de alguã couza nogeirada de seda e cadaço ou sem seda com monho liso e toucado da cor do uistido e balona de uolante com huã rrendinha branca mas tu ca por nenhum modo o trege me parese bem ser este porque nisto não há que ter agoure e doutro modo rreseio o mundo o que pode dizer e por rresear tambem o que dirão teus parentes se lhes pareser que por minha uontade deixo de fazer o que he rrezam e o que todo o mundo faz assim que meu bem auisa-me com briuidade do que queres eu te peso muito me des esta lisensa porque ando emuergonhada deste modo e senpre me ando escondendo de todas as pesoas que aqui uem Diogo de Brito tem aqui uindo duas uezes e o prior huã eu lhe escreui sobre a minha festa de Sam Lorenço e na rresposta me dis que tem tido duas outras zeronis a tua carta lhe mandarei logo como me mandas e eu a ti nouas do em que paso os dias que he na tua contenplasam e com o

teu retrato dando-lhe muitos abraços pondo-o muitas uezes na bouca e nos olhos que muitas vezes partesipa de suas lagrimas, o tenpo que me rresta gasto em te emcomendar a Deus e em ler hua e muitas uezes as tuas cartas que he so o liuio dos que expermentão saudades conpadese-te meu bem das minhas pera me lhe não faltares com o rremedio e auiza-me tão bem do que fases e se ha moças bonitas nese lugar olha não aches la outra biscondesa como a de Eluas com a lisensa que me das pera escreuer a meu pai folgo muito pera o poder fazer tendo certa a tua uontade porque nem huã couza tam posta em rrezam quero fazer sem primeiro saber o teu gosto o meu consiste na tua saude e uida que como a eu tenha me confesarei pela mais uinturoza molher de todo o mundo e como isto asim he desejo-te Sa Abreu dise-me se foi ja porque te he muito nesesario pera te não cansares em nada leua-te mui boa uida que o quero eu asim e dise-me a que oras te leuantas e te deitas não comas fruita nem ioges a pele ei-de uer se goardas bem meus preseitos não te fies em que não saberei porque ca o ei-de adiunhar quando dela mo não mande dizer huã espia que te tenho posta não cuides que senho porque falo uerdade tu ma dise em tudo senão ei-de queixar-me muito de ti auiza-me do que uem a ser o poder dos castelhanos e do nosso ca nos dizem que sua Magestade uai a andaluzia digo isto por papel porque sam nouas que todos dam eu cuido que sera grande o perigo se tambem não for falsidade Deus se lenbre de nos por sua Mesericordia o Senhor frei Antonio me fes oie merse de me uer e dise-me que da Rosa mandaram hum proprio e que elle disera a Migel d'Abreu o mandase aqui pera me leuar carta minha mas ele o não mandou digo-te isto porque não estranhes o ir sem ela, a meu Senhor peso a bensam e lhe não escreuo pelo auer feito duas uezes ia da dilasão que ha em chegarem as minhas cartas estou marauilhada, a uosos sobrinhos beio as mãos e a uos meu senhor me guarde Deus muitos annos como desejo

Lisboa o primeiro de Agosto de 644

tua molher e escraua que te adora

(assinatura de Dona Joana)

**Documento 16**

Fl. 433 / 26 de Outubro de 1644

Meu Senhor oie me acho com huã carta uosa que me foi de grande aliuiio pera a penna com que me tem dizerem-me ontem que ouuera conselho de esfado sobre o que se auia de fazer nesa fronteira e que despacharão logo hum correio com muita preza tem-me esta noua com grandisimo cuidado temendo mandem sair o exercito porque inda que não pode ser por muitos dias eu quiria que não fose nenhum e que uos uieses uos logo para uosa caza mas espero em Deus que a de ser isto em mui breues dias ca fazem ia crueis frios mas mui pouca chuva para o meu deseio mande-no-la Deus como deseiamos todas as que la temos nosos maridos, mandai-me na primeira ocaziam as medidas que ia tardão muito e do liurinho que uos mandei fazei muito cazo e rrezai-o todos os dias que disam he muito bom tambem o aueis de trazer com uosco, eu tenho saude e a mais conpanhia ella uos beia as mãos o minino que a condesa de Miranda pario morreu logo, dizem que não era de tempo huas pessoas dizem que foi de irem em coche o bautismo do filho do camareiro mor outros que lhe cheirou maniar branco e que não fes cazo diso mas ela ainda não sabe que moreu a criança porque a enganão e mostran-lhe outro minino dizendo que he seu filho oie me mandou dizer que paresia ia de coatro annos eu lhe tenho lastima que a de ficar mui asustada quando souber a uerdade mas consolar-se-ha com lembransa de ter tido outros pela esperiencia que tem de não perder tempo o de uosa auzensia me abriuie Deus e uos guarde meu senhor muitos annos mais que a mim como desejo

Lisboa 26 de Outubro de 644

tua molher e escraua

(assinatura de Dona Joana)

**Documento 17**

Fl. 435 / 8 de Outubro de 1644

Meu Senhor tem-me com grande cuidado faltarem-me nouas uosas há muitos dias e iuntamente saber que tem saido o exersito que inda que não seia pera mais que pera leuantar esa fortifica são tudo neste tempo pode dar em que cuidar e eu não descansarei ia senão dispois que uos uir em uosa

caza pera onde Deus queira trazer-uos muito sedo, huã irmã de Maria Coelho me pede esta carta pera uos pera quererdes fauoreser hum filho seu soldado que la anda que se chama Antonio Pinto sobre huã pertensão que tras com o seu mestre de canpo pera que lhe de lizensa pera uir ca a hum negocio peso-uos que se isto for couza que posais fazer que lhe não falteis com este fauor o mesmo moso uos dira o nome do mestre de canpo que sua mai não lho sabe, e uos me dizei a mim meu Senhor como pasastes todo este tempo em que me faltou carta uosa se foi tam bem como eu de contino peso a Deus e me uos guarde mais que a mim

Lisboa 8 de Nouembro 1644

Vosa molher e escraua

(assinatura de Dona Joana)

### **Documento 18**

Fl. 449 / 21 de Novembro de 1644

Meu senhor grande he a penna e cuidado que desde sabado a noute me aconpanha asim por as feridas com que estais como por não poder mandar logo hum proprio saber de uos porque quando soube era de noute e ontem domingo não auia barco pera aldea galega oie que he segunda feira o faso e uos peso meu bem me auizeis logo de como estais que não descanso hum momento nem a-de ser emquanto uos não uir mas nem por isto uos ponhais a caminho sem estares muito sam que no meu cuidado não uai nada e na uosa uida muito, andaua-uos negociando huã letra pera mandar-uos quando meu pai chegou da quinta e me deu sincoenta mil rreis que uos enuio não tratei de buscar mais porque me mandou Pedro de Carualho dizer que uos tinha mandado huã letra mas se uos for nesesario mais dinheiro auizai-me logo pera uo-lo mandar a tempo que uos não fasa falta estou-uos consertando huns dozes que irão oie ate menham não uão por este porque quero que se parta com toda a preza, auizai-me se uos sangrarão e peso-uos pelo meu amor e pelo que uos mereso que não fasais pouco cazo do que tendes e que trateis muito de uosa saude pera que eu enxuge com uo-la uer minhas lagrimas que não faltão ao saber desta a condesa dos Arcos e todas uosas sobrinhas estiuerão ontem comigo e me pidirão uos dizese o muito senti-

mento com que estauão auei-uos (?) por dito tudo que o ellas me dizerão que com muita pontualidade ira logo tudo a Deus meu senhor que uos guarde como ei mister e mais que a mim

Lisboa 21 de Nouenbro de 644

tua molher e escraua

(assinatura de Dona Joana)

### Documento 19

Fl. 499 / 3 de Dezembro de 1644

Meu Senhor perto de hum mes ha que uos espero cada dia e quanto mais isto he maior he a penna de se me dilatar tanto este bem e sei-uos dizer que agora estou com maior cuidado do que nunca por uer que tem saído o inimigo e que uos tenho ainda nêsa fronteira e dese modo tudo se coniura contra mim pera me dar estes dias mais de penna que inda que me aliuia imaginar que não estareis ainda tão bem conualesido que uos posais achar em outra bulha não deixo de temer a uosa condizam peso-uos meu Senhor pelo que uos mereso que uenhais logo pera nosa caza liurar-me de tantos cuidados mas isto segurando-uos primeiro que não tem pirigo o caminho que tudo temo e não sei como ando com estes rreseios liure-me Deus deles como deseio e lhe peso não me dizeis como estão as feridas nem se uos leuantaís ia e eu estou morrendo por saber tudo na uosa carta me dizeis que na de uoso pai uerei as nouas que dais que eu muito deseio uer quera Deus traze-lo por ca senão detriminares uir logo auizai-me pera uos mandar huns dozes o que não faço agora porque uos espero cada dia, neste ponto chega aqui Costa e de uelhos me pede com muitas lagrimas que uos pesa de sua parte que se la ouuer alguns trocas uos lenbreis de seu irmão Gaspar da Costa e por que uos disese isto me pormeteo de todos os dias rrezar pela uosa uida que o seo me conseda os annos de meu deseio pera que eu a tenha e a gaste em uos siruir e a Deus como faso, meus pais uos beião as mãus

Lisboa 3 de Dezenbro de 644

tua molher e escraua

(assinatura de Dona Joana)

**Documento 20**

Fl. 496 /9 de Dezembro de 1644

Meu Senhor com grande alegria faso esta com as nouas que oie chegarão da rritirada do inimigo e espero-uos muito sedo com o fauor de Deus seia elle muito louuado que tantas merses nos tem feito prinsipalmente a mim, esa carta del Rrey que uos mando me mandou uoso pai nestes dias em que auia perigo no caminho que por esta rrezão uo-la não mandou elle agora me dis que uo-la mande o que eu faso com grande diligensia e com maior encarisimento uos peso uos uinhais logo se me quereis uiua que se o cuidado com que estes dias andei durara mais não sei o que fora de mim nem se me achares quando Deus me fizer merse de uos trazer, muito istimei as nouas que meu pai me deu uosas que lhas dera hum soldado que ca ueio com huã carta a sua Magestade que Deus guarde e a uos meu senhor milhares de anos como deseio e ei mister

Lisboa 9 de Dezenbro de 644

tua molher

(assinatura de Dona Joana)

*[post scriptum]*

meus pais uos beião as mãos peso-uos que se la uos deteres ainda alguns dias o que não cuido que escreuais a meu pai não desconfie não uinhais so que me dizem he o caminho arriscado Costa uos pede pelo amor de Deus que uos lenbreis de seu irmão se la ouuer trocas e eu da minha parte uo-lo peso tambem

**Documento 21**

Fl. 497 / 10 de Dezembro de 1644

Meu Senhor ontem uos iscriui a agora o torno a fazer pelo correio ordinario e uos beio as mãos por esta uosa carta tam cheia de fauores como o meu amor uo-los sabe mereser o cuidado com que estes dias pasei so Deus o sabe seia elle muito louuado por nos liurar tão bem delle, mui alegre me deixa a esperança que me dais de uos uir logo porque por muitas couzas sois ca nesario prinsipalmente pera tratares de uosa saude que he o que mais deseio e tambem pera hum negocio uoso que muito inporta e peso-

uos que tanto que esta uos desem uinhais logo que não pede dilasão isto mesmo uos tenho ia iscrito duas uezes fora esta e porque uos espero cada dia deixo tudo para a uista que Deus me conseda tam breuemente como quero e me uos guarde mais que a mim como deseio

Lisboa 10 de Dezenbro de 644

tua molher e escraua

(assinatura de Dona Joana)

[*post scriptum*]

minha mai uos beia as mãos

a de Basto ueio aqui oie e me pedio com muitas lagrimas uos pidises lhe fiseses merse de tratar de o trocarem se não for morto e eu lhe dize uos diueis ter ese cuidado mas que uo-lo aduirtiria

## INTRODUÇÃO

Em 1874, Manuel Ruijido Garcia, professor de Direito Administrativo da Universidade de Coimbra, invocava os ofícios de Cesareo de Inghelara (1789) e de P. Cardin La Broe (1632) para estabelecer que, no galego, a palavra "polícia" designava um conjunto de leis e instituições que competiam ao governo de uma cidade ou nação. Com isto, queria dizer que, nos séculos, em Roma, na Idade Média ou "nos tempos de Moisés na Atlântida", em que andava confundida com a política, com a administração e com as funções do poder judicial, tinha a natureza, a forma e a essência estrita que hoje se lhe dá<sup>1</sup>. A sua excepção mais especializada terá correspondido com "o velho Colberi, no édito de 15 de Março de 1587, que tinha por fim separar as funções judiciais das de polícia", invocando uma política de

<sup>1</sup> Manuel Ruijido Garcia, *Tratado de Direito Administrativo*, Tomo I, p. 2, Cap. 1.º

<sup>2</sup> Manuel Ruijido Garcia, *Tratado de Direito Administrativo*, Tomo I, p. 2, Cap. 1.º, p. 3.